

Faces de contato – as faces mesial e distal são triangulares, ou seja, relativamente espessas no terço cervical com perda de espessura à medida que as faces vestibular e lingual convergem para a borda incisal. Esta borda está deslocada para a lingual em relação ao longo eixo do dente. Os dois terços incisais da coroa aparecem, então, inclinados para o lado lingual em relação à raiz.

As faces mesial e distal são planas, ou quase planas, nos terços médio e cervical e convexas no terço incisal. Nelas, a linha cervical descreve uma curva bem fechada, que se estende incisalmente até um terço do comprimento da coroa e é mais fechada ainda no lado mesial.

Por esse ângulo de observação pode-se ver o contorno arredondado da borda incisal. Após o desgaste, identifica-se uma forma de bisel* (semelhante a um cinzel) na borda incisal, que se estende pela face vestibular.

Raiz – a raiz é retilínea, sem inclinação para qualquer lado, e muito achatada mesiodistalmente. Isso a torna larga no sentido vestibulolingual, com sulcos longitudinais evidentes, sendo o distal o mais profundo dos dois. Num corte transversal, a raiz mostra-se oval, com dimensão vestibular maior do que a lingual.

▪ Incisivo lateral inferior (32 ou 42)

(Figs. 2-6, 2-7 e 2-8)

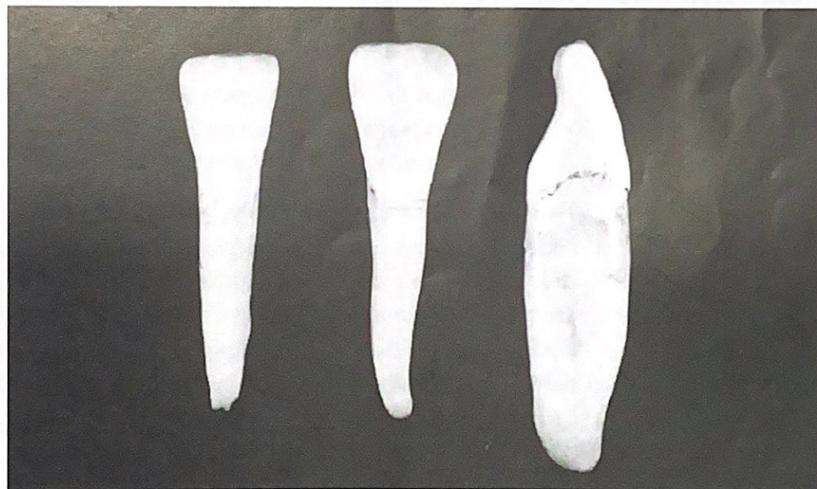


Figura 2-8 – Incisivo lateral inferior. Três exemplares vistos pelas faces vestibular, lingual e mesial.

É muito parecido com o incisivo central inferior, mas ligeiramente maior em todas as dimensões da coroa e da raiz. Até a borda incisal é um pouco mais larga.

Face vestibular – vista por vestibular, a coroa do incisivo lateral difere da do central por apresentar as bordas mesial e distal mais inclinadas (mais convergentes), o que lhe dá um aspecto tendente a triangular. Além disso, a borda mesial é ligeiramente mais alta que a distal; o desgaste acentua essa diferença, provocando grande inclinação no sentido cervical, de mesial para distal. O ân-

gulo distoincisal é mais arredondado e obtuso. Todos esses detalhes fazem com que a área de contato distal esteja um pouco mais deslocada para a cervical em relação à área de contato mesial.

Face lingual – por esta vista são observados os mesmos aspectos citados na vista vestibular.

Faces de contato – a diferença mais significativa entre ambos os incisivos inferiores é a projeção lingual do ângulo distoincisal. A borda incisal não está em perfeita linha reta, isto é, não corta o diâmetro vestibulolingual em ângulos retos. Ao contrário, ela é girada distolingualmente, de tal forma que o ângulo distoincisal fique em posição mais lingual que o ângulo mesioincisal. Este detalhe pode ser mais bem observado pela vista incisal do dente. O cingulo também acompanha essa rotação, pois sua maior proeminência fica ligeiramente distal em relação ao longo eixo do dente. A rotação da borda incisal corresponde à curvatura do arco dental.

Raiz – comparando-se com a raiz do central, ela é mais longa, mais robusta, com sulcos mais profundos, principalmente o distal, e é geralmente desviada para a distal.

Desenvolva o “Estudo dirigido sobre incisivos superiores” e o “Estudo dirigido sobre incisivos inferiores”, no Apêndice deste livro.

▪ Canino superior (13 ou 23)

(Figs. 2-3, 2-9 e 2-10)

É o mais longo dos dentes. A coroa tem o mesmo comprimento da coroa do incisivo central superior, mas a raiz é bem mais longa. A forma da coroa dá ao canino um aspecto de força e robustez.

Face vestibular – visto por vestibular, difere dos incisivos por ter uma coroa de contorno pentagonal e não quadrangular. Isto se deve à presença de uma cúspide na borda incisal, que a divide em duas inclinações. O segmento mesial da aresta* longitudinal é mais curto e menos inclinado. O maior e mais pronunciado segmento distal torna o ângulo distoincisal mais arredondado e mais deslocado para a cervical do que o ângulo mesioincisal.

As bordas mesial e distal convergem para o colo; a convergência da borda distal é mais acentuada. A borda mesial é mais alta e mais plana do que a borda distal, que é mais baixa e mais arredondada. As áreas de contato estão em níveis diferentes; a posição da área de contato distal é mais cervical (no terço médio).

A face vestibular tem no centro uma elevação longitudinal em forma de crista que termina na ponta da cúspide. É acompanhada de cada lado por sulcos rasos, que dão um aspecto trilobado à face, sendo que o lobo central é o mais proeminente. A cúspide está alinhada com o longo eixo do canino, isto é, o eixo passa pelo ápice da raiz, corta todo o dente e alcança o vértice da cúspide.

Toda a face vestibular é bastante convexa. Quando vista por incisal, seu contorno convexo mesiodistal mostra uma particularidade própria dos caninos (superior e inferior): a metade mesial é mais convexa, mais proeminente e mais projetada para a vestibular do que a metade distal.

Figura 2-9 – Canino superior. Três exemplares vistos pelas faces vestibular, lingual e mesial.

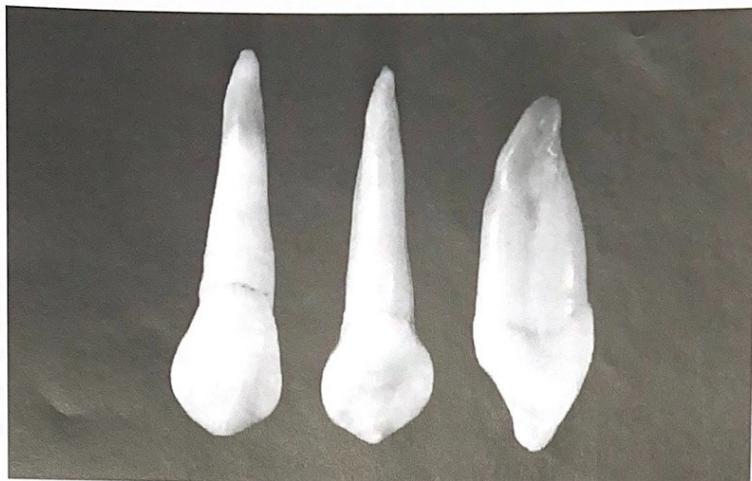
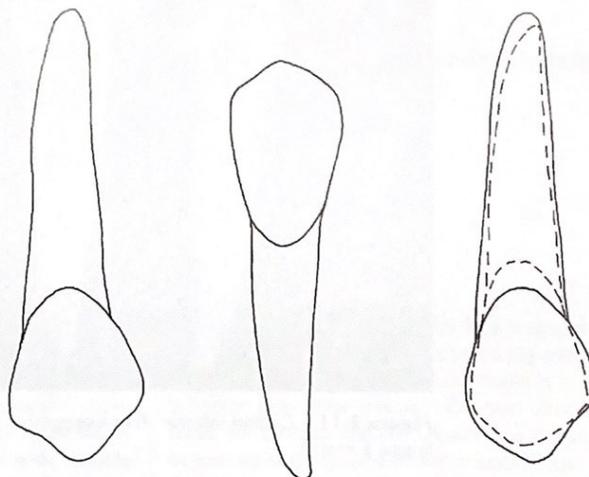


Figura 2-10 – Caninos superior e inferior vistos por vestibular. O terceiro desenho é a superposição do primeiro (linha cheia) ao segundo (em posição invertida e linha interrompida), para melhor comparação.



Face lingual – tem a mesma silhueta da face vestibular, mas é mais estreita, principalmente no terço cervical, devido à convergência pronunciada das faces de contato para a lingual e para a cervical. As cristas marginais e o cingulo são bem desenvolvidos no canino superior. O cingulo é especialmente robusto, lembrando uma pequena cúspide. Frequentemente, está unido à cúspide por uma crista cervicoincisal, semelhante àquela da face vestibular. Quando presente, esta crista lingual divide a fossa lingual, que já é rasa, em uma mesial e outra distal, mais rasas ainda. Algumas vezes, a face lingual é lisa, sem a presença de crista ou de fossas.

Faces de contato – as faces mesial e distal são triangulares, lisas e convexas em todos os sentidos. A face mesial é maior e mais plana. Comparando com os incisivos, o canino é bem mais espesso vestibulolingualmente; a linha cervical tem uma curva mais aberta e a borda vestibular é mais convexa. Quando desgastada, a borda incisal mostra um plano inclinado em direção lingual.

Raiz – é cônica, fortíssima. Longa (pode chegar ao dobro do comprimento da coroa) e reta, raramente se desvia acentuadamente para a distal. Seccionada transversalmente, tem aspecto oval, com maior diâmetro vestibular. É sulcada longitudinalmente nas superfícies mesial e distal.

▪ Canino inferior (33 ou 43)

(Figs. 2-7, 2-10 e 2-11)

Em comparação com o canino superior, o canino inferior tem a coroa mais longa e estreita. Na realidade, ela habitualmente é só um pouco mais longa, mas a sua reduzida dimensão mesiodistal dá-lhe a aparência de coroa bem alta.



Figura 2-11 – Canino inferior. Três exemplares vistos pelas faces vestibular, lingual e mesial.

Face vestibular – por ser um dente mais estreito que o canino superior, sua face vestibular é mais convexa, mas não tem a crista cervicoincisal tão marcada. Os sulcos de desenvolvimento são apenas vestigiais. A borda mesial é mais alta que a distal, mais retilínea, e continua alinhada com a superfície mesial da raiz. A borda distal, mais inclinada e curva, forma um ângulo com a superfície distal da raiz. Como o dente é mais estreito, a convergência dessas bordas para a cervical é menor em relação ao canino superior.

Tal como no homônimo superior, a coroa não tem simetria bilateral, porque o segmento mesial da aresta longitudinal da cúspide é menor e menos inclinado (quase horizontal) que o distal. Os ângulos mesioincisal e distoincisal e as áreas de contato se dispõem como no canino superior.

Dividindo-se a face vestibular ao meio, nota-se que a metade distal é mais larga e prolonga-se no sentido distal. Por outro lado, a metade mesial é mais robusta e se projeta vestibularmente, como no canino superior. Verifica-se esse detalhe posicionando corretamente o dente, de tal modo que a linha de visão coincida com o longo eixo, a partir do vértice da cúspide.

Face lingual – em contraste com o canino superior, nem o cingulo nem as cristas marginais são bem marcados. Também não há crista que una o cingulo à cúspide. Sua forma acompanha, assim, a dos incisivos inferiores, com uma fossa lingual pouco escavada.

Faces de contato – por esta vista, a borda vestibular é menos convexa que a do canino superior. O diâmetro vestibulolingual também é menor.

O vértice da cúspide está centrado sobre a raiz. Quando há desgaste, percebe-se por esta vista um plano inclinado invadindo a face vestibular a partir da cúspide. A propósito, os desgastes acentuados tornam a borda incisal quase reta e o dente fica parecendo um incisivo lateral superior pelo aspecto da coroa.

Raiz – é 1 ou 2mm mais curta que a do canino superior e bastante achatada no sentido mesiodistal. Suas superfícies mesial e distal são sulcadas longitudinalmente, particularmente a distal. A raiz inclina-se frequentemente para a distal, ou pelo menos seu terço apical.

A prevalência de caninos inferiores birradiculares gira em torno de 5%. Quando esta variação ocorre, a raiz vestibular é ligeiramente maior que a lingual e o ponto de bifurcação* está geralmente no terço médio.*

Desenvolva o “Estudo dirigido sobre caninos”, no Apêndice deste livro.

▪ Primeiro pré-molar superior (14 ou 24)

(Figs. 2-12, 2-13 e 2-14)

GUIA DE ESTUDO 4

1 Leia uma vez o bloco 2. Leia também as páginas 68 a 71.

2 Esclareça, escrevendo, os seguintes quesitos ou questões: Ao se comparar a face vestibular do canino superior com a do primeiro pré-molar superior, quais são as diferenças que se podem notar? O vértice da cúspide lingual dos pré-molares superiores está mais deslocado para mesial ou para lingual? Em qual destes dois lados a aresta longitudinal dessa cúspide é mais alta? Comente sobre o volume e a altura das cúspides dos pré-molares superiores; o que isso tem a ver com a posição do sulco central? Compare a face oclusal do primeiro com a do segundo pré-molar superior e exponha o resultado dessa comparação; transfira esse resultado para um desenho. Descreva a porção radicular do primeiro pré-molar superior. Cite sete características diferenciais entre o primeiro e o segundo pré-molar superior. Os três dentes da Fig. 2-12 são direito (14) ou esquerdo (24)? Os dentes de cima da Fig. 2-13 são direito (14) ou esquerdo (24)? E os dois de baixo? O primeiro dente da Fig. 2-15 é direito (15) ou esquerdo (25)? E o segundo? Identifique, quanto ao lado, também os dentes das Figs. 2-44 e 2-46. Faça uma explicação sobre a inclinação lingual da face vestibular dos pré-molares inferiores. O que acontece com o vértice da cúspide vestibular em consequência dessa inclinação? O mesmo ocorre com a mesma cúspide dos pré-molares superiores?

Quais são as peculiaridades da face lingual do primeiro pré-molar inferior em relação ao segundo? Por que geralmente se formam duas fossetas na face oclusal do primeiro pré-molar inferior? De qual delas parte um sulco em direção lingual? Descreva e desenhe a face oclusal do segundo pré-molar inferior. Descreva a raiz do pré-molar inferior. O primeiro dente da Fig. 2-16 é direito (44) ou esquerdo (34)? E o segundo? Os dois dentes de cima da Fig. 2-17 são direitos (44) ou esquerdos (34)? E os dois de baixo? O segundo dente da Fig. 2-21 é direito (45) ou esquerdo (35)? Identifique também os dentes das Figs. 2-47 (não é nada fácil), 2-48 e 2-49.

3 Leia novamente e confira se o que escreveu está certo (confira com os colegas ou com o professor a identificação dos dentes).

4 Em caso negativo, volte ao item 1. Em caso positivo, vá ao item 5.

5 Examine detidamente dentes e modelos. Compare-os com figuras de livros. Discuta as questões de estudo com seus colegas e, se necessário, argua seu professor. Esculpa em cera dentes pré-molares, se for o caso.

6 Leia novamente o bloco 2, agora realçando os detalhes que julgar mais importantes.

7 Desenvolva os estudos dirigidos sobre pré-molares superiores e inferiores, que se iniciam à página 150, no Apêndice.



Figura 2-12 – Primeiro pré-molar superior. Três exemplares vistos pelas faces vestibular, lingual e mesial.

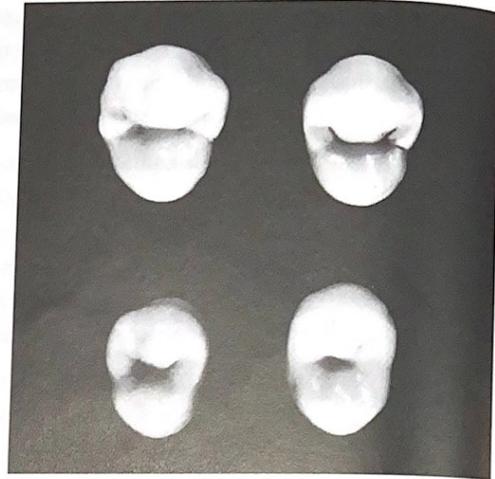
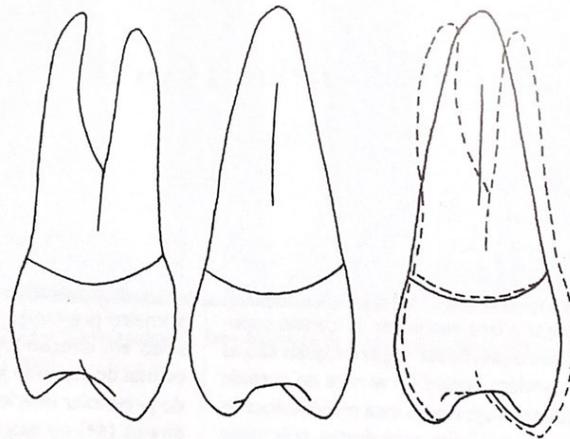


Figura 2-13 – Dois primeiros pré-molares superiores (acima) e dois segundos pré-molares superiores (abaixo), vistos pela face oclusal.

Figura 2-14 – Primeiro e segundo pré-molares superiores vistos por mesial. O terceiro desenho é a superposição do primeiro (réplica em linha interrompida) ao segundo (linha cheia), para melhor comparação.



B2

Face vestibular – esta face é semelhante à do canino superior, apesar de ser um quarto menor e ter seus sulcos e convexidades menos desenvolvidos. A única grande diferença no formato é o segmento mesial da aresta longitudinal da cúspide, mais longo que o segmento distal da mesma cúspide. No canino, dá-se o contrário. Aliás, em ambos os caninos e em todos os outros pré-molares dá-se o contrário.

Sobre o comprimento dos segmentos da aresta longitudinal no primeiro pré-molar, há controvérsia entre os autores. A razão disso é porque é difícil determinar a extremidade do segmento distal da aresta longitudinal, olhando-se por vestibular. Aresta e face distal continuam-se ininterruptamente em linha curva, dando a impressão inexata que a primeira invade a face distal, prolongando-se até o meio dela, na área de contato. Ora, se o segmento distal fosse maior, a ponta da cúspide deveria estar mais deslocada para a mesial, mas não é o que acontece.

Face lingual – tem o mesmo contorno da face vestibular, mas é mais lisa, convexa e menor em todas as dimensões. Por ser menor, o contorno da face vestibular pode ser visualizado pelo aspecto lingual.

O segmento distal da aresta* longitudinal da cúspide lingual é maior que o mesial. Desse modo, o vértice da cúspide acha-se deslocado para a mesial em relação ao ponto médio da coroa. Esta é uma característica diferencial forte do primeiro pré-molar superior.

Faces de contato – as bordas vestibular e lingual das faces de contato são quase paralelas, mas ainda assim convergem para a oclusal. A borda lingual é mais convexa e inclinada; nela, a maior projeção lingual situa-se no terço médio. Na borda vestibular, a maior projeção fica entre os terços cervical e médio.

As cúspides, vistas pelas faces de contato, ficam com seus vértices projetados dentro do contorno das raízes, isto é, a distância de um vértice da cúspide ao outro é menor do que a maior distância vestibulolingual da raiz. A cúspide vestibular, além de ser a mais volumosa, é cerca de 1mm mais alta.

A linha cervical, de ambos os lados, mostra-se em curva bem aberta. Ao seu nível, no lado mesial, há uma depressão característica; ela ocupa o terço cervical da coroa e invade parte da raiz. A face distal é toda convexa, não tendo depressão no terço cervical. Outra diferença marcante entre as faces mesial e distal é a presença constante do prolongamento do sulco principal da face oclusal, que cruza a crista marginal mesial. Sulco similar no lado distal é muito raro.

Face oclusal – tem forma pentagonal porque a borda vestibular é nitidamente dividida em mesiovestibular e disto-vestibular. Pode apresentar-se menos angular, de forma oval, com maior largura vestibular. As bordas mesial e distal convergem para a lingual, já que a face lingual é menor que a vestibular.

Pela vista oclusal tem-se uma melhor ideia da forma, tamanho e posição das cúspides. Ligando-as, veem-se as cristas marginais mesial e distal. A mesial (interrompida por um sulco) é reta vestibulolingualmente; a distal é convexa. O deslocamento mesial do vértice da cúspide lingual em relação à linha central do dente pode ser visto nitidamente por oclusal. Isto faz com que o segmento distal da aresta longitudinal seja mais longo que o mesial. Contrariamente, na cúspide vestibular, um ligeiro deslocamento da extremidade desta cúspide para a distal resulta em um segmento mesial um pouco maior que o distal.

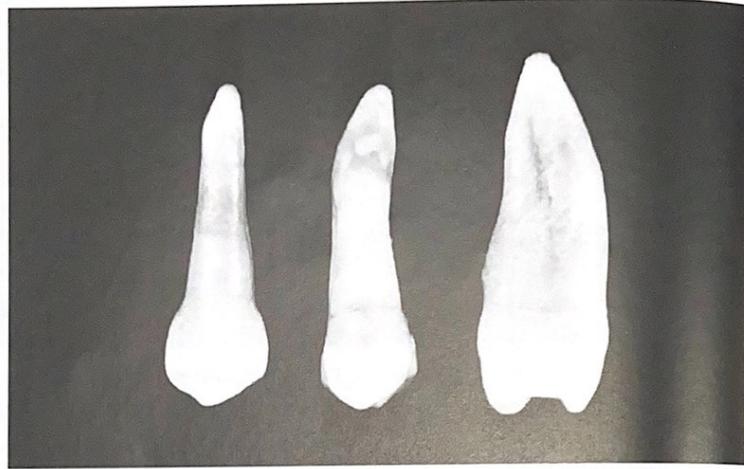
Devido ao tamanho desproporcional das duas cúspides, o sulco que as separa se encontra ligeiramente deslocado para a lingual. É retilíneo e termina no encontro da crista marginal de cada lado em fossetas principais mesial e distal. Nelas terminam também sulcos que margeiam as cristas marginais, de disposição vestibulo-oclusal e línguo-oclusal. Por ser a fosseta formada pela reunião de três sulcos, autores da língua inglesa a denominam “fossa triangular”. Sulcos secundários*, sobre as vertentes* triturantes das cúspides, são escassos ou mesmo raros.

Raiz – o primeiro pré-molar superior geralmente tem duas raízes cônicas de inclinação distal, sendo uma vestibular, maior, e outra lingual, menor. Algumas vezes se apresentam fusionadas, com uma linha demarcatória bem nítida entre elas, podendo ou não haver bifurcação* apical. São cerca de 3 a 4 milímetros mais curtas que a raiz do canino superior. Em 2% dos casos, a raiz vestibular é dividida em duas, tornando o dente trirradicular*.

▪ Segundo pré-molar superior (15 ou 25)

(Figs. 2-13, 2-14 e 2-15)

Figura 2-15 – Segundo pré-molar superior. Três exemplares vistos pelas faces vestibular, lingual e mesial.



A coroa é similar à do primeiro pré-molar, mas é menor em todos os sentidos, além de ter os elementos descritivos (elevações e depressões) menos marcados. Seus ângulos, mais arredondados, dão às faces vestibular e lingual um aspecto ovoide e não angular.

É um dente mais simétrico, no qual as cúspides são aproximadamente do mesmo tamanho (a vestibular ainda é ligeiramente maior); os segmentos das arestas longitudinais não têm predomínio de extensão um sobre o outro; o vértice da cúspide lingual não está tão deslocado para a mesial; não há sulco interrompendo a crista marginal mesial e nem há depressão no terço cervical da face mesial.

Face oclusal – o contorno da face oclusal é oval ou circular e não pentagonal. O sulco primário é central e não deslocado para a lingual como no primeiro pré-molar. O vértice da cúspide lingual encontra-se alinhado com o ponto médio da coroa. A diferença entre as cristas marginais é menos acentuada. O diâmetro mesiodistal do lado lingual não é muito menor do que do lado vestibular (são quase iguais).

Uma característica marcante do segundo pré-molar superior é a pequena extensão do sulco principal no centro da coroa. As fossetas mesial e distal estão mais próximas entre si. Às vezes, estão tão próximas que o sulco passa a ser muito curto, a ponto de se transformar em uma fosseta central. Outra característica é a presença de muitos sulcos secundários, que dão à face oclusal uma aparência enrugada.

Raiz – a raiz única (90% dos casos) é muito achatada mesiodistalmente, com profundos sulcos longitudinais que dão à sua secção transversal a forma de um haltere. Quando não muito profundos, a secção é oval. O terço apical desvia-se distalmente na maioria das vezes.

O comprimento das raízes de ambos os pré-molares superiores se equivale.

▪ Primeiro pré-molar inferior (34 ou 44)

(Figs. 2-16, 2-17, 2-18, 2-19 e 2-20)

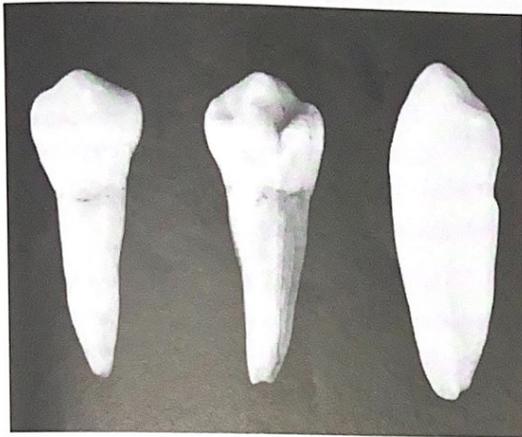


Figura 2-16 – Primeiro pré-molar inferior. Três exemplares vistos pelas faces vestibular, lingual e mesial.



Figura 2-17 – Dois primeiros pré-molares inferiores (acima) e dois segundos pré-molares inferiores (abaixo), vistos pela face oclusal.

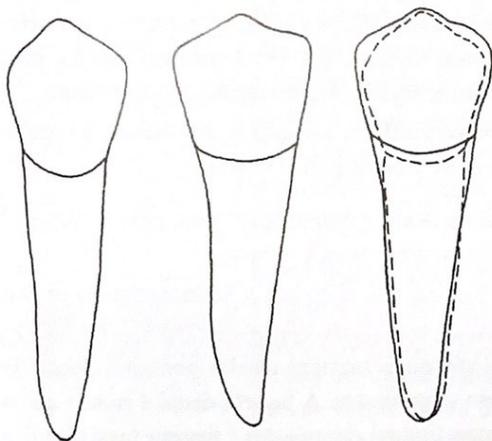


Figura 2-18 – Primeiro e segundo pré-molares inferiores vistos por vestibular. O terceiro desenho é a superposição do primeiro (réplica em linha interrompida) ao segundo (linha cheia), para melhor comparação.

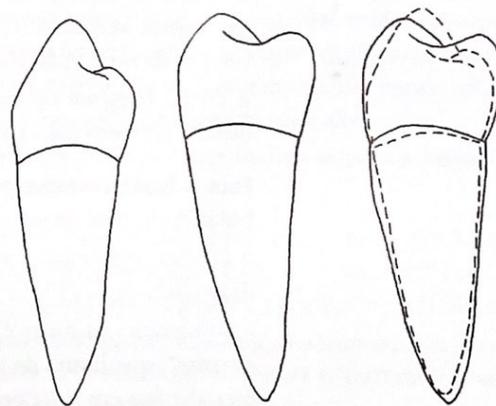


Figura 2-19 – Primeiro e segundo pré-molares inferiores vistos por mesial. O terceiro desenho é a superposição do primeiro (réplica em linha interrompida) ao segundo (linha cheia), para melhor comparação.



Figura 2-20 – Primeiro e segundo pré-molares inferiores vistos por oclusal. O terceiro desenho é a superposição do primeiro (réplica em linha interrompida) ao segundo (linha cheia), para melhor comparação.

Face vestibular – a face vestibular lembra a do canino, se bem que é menos alta. É bilateralmente simétrica, com a cúspide situada sobre o longo eixo do dente, o que equivale dizer que os segmentos mesial e distal da aresta longitudinal são de mesmo tamanho. Não raro, há assimetria e, então, o segmento mesial é um pouco menor e menos inclinado; conseqüentemente, o vértice da cúspide se desvia para a mesial.

As áreas de contato mesial e distal estão em um mesmo nível, entre os terços oclusal e médio. Ocasionalmente, a área de contato distal está em posição um pouco mais oclusal. A partir dessas áreas, as faces mesial e distal convergem com acentuada obliquidade para o colo.

A face vestibular é lisa, convexa e inclinada para a lingual.

Face lingual – é bem menor que a vestibular devido à acentuada convergência das faces mesial e distal em direção linguocervical e às pequenas dimensões da cúspide lingual. Desse modo, pelo aspecto lingual do dente vê-se quase toda a face oclusal, e isto é ainda facilitado pelo fato de toda a coroa ser inclinada para a lingual. O único acidente anatômico da face lingual é um pequeno sulco proveniente da fosseta mesial da face oclusal, poucas vezes ausente. Ele separa a cúspide lingual da crista marginal mesial.

Faces de contato – observando-se o dente por mesial ou por distal, nota-se a forte convexidade da face vestibular, sua inclinação para a lingual e a saliência do terço cervical, que é a bossa vestibular. Com a inclinação lingual, o vértice da cúspide vestibular coincide com o longo eixo do dente (cai sobre o eixo vertical da raiz). A face lingual não se inclina muito, sendo quase vertical.

A crista marginal mesial é mais cervical em posição (mais baixa) do que a distal e também mais inclinada da vestibular para a lingual.

Face oclusal – o aspecto oclusal do dente é ovoide, com polo maior na vestibular. As bordas mesial e distal convergem para a lingual.

A cúspide vestibular domina a face oclusal; seu vértice se encontra no centro dessa face.

As cúspides vestibular e lingual são quase sempre unidas por uma ponte de esmalte*, que limita de cada lado uma fosseta. A fosseta distal é maior que a mesial e fica em uma posição mais lingual em relação à fosseta mesial, que é mais deslocada para a vestibular.

Algumas vezes, a ponte de esmalte é cruzada por um sulco central mesiodistal em forma de arco com concavidade vestibular. É o sulco principal, em cujas extremidades se encontram as fossetas mesial e distal.

Raiz – é achatada mesiodistalmente e oval em secção transversal. Sulcos longitudinais pouco profundos e às vezes quase imperceptíveis marcam a superfície mesial da raiz. Entretanto, um entre quatro dentes apresenta um sulco mesial profundo, em forma de fenda, que não raro promove até bifurcação apical.

Vista por vestibular, a raiz encurva-se um pouco para a distal.

▪ Segundo pré-molar inferior (35 ou 45)

(Figs. 2-17, 2-18, 2-19, 2-20 e 2-21)

Figura 2-21 – Segundo pré-molar inferior. Três exemplares vistos pelas faces vestibular, lingual e mesial.



A coroa deste dente é mais volumosa que a do primeiro pré-molar inferior, e notabiliza-se por possuir uma cúspide lingual de proporções bem maiores. As diferenças anatômicas entre as coroas dos pré-molares inferiores são bem maiores do que as dos superiores.

Face vestibular – iniciando uma comparação com seu vizinho mesial, nota-se que as faces vestibulares são semelhantes, mas no segundo pré-molar inferior a cúspide vestibular é menos pontiaguda, com sua aresta longitudinal mais horizontalizada. As bordas mesial e distal são menos convergentes para o colo. A área de contato mesial fica em um nível ligeiramente mais alto.

Tal como no primeiro pré-molar, a face vestibular inclina-se para a lingual, principalmente os seus terços médio e oclusal.

Face lingual – essa é mais larga no segundo pré-molar, podendo ser tão larga quanto a face vestibular. A cúspide lingual é central ou um pouco deslocada para a mesial. Há constante depressão entre a cúspide e a crista marginal distal. A cúspide lingual é, muitas vezes, dividida em duas cúspides subsidiárias: uma mesial, maior, outra distal, menor. O sulco que as separa é, portanto, mais distal. Ele avança sobre a face lingual em pequena extensão.

Faces de contato – das faces de contato, a mesial é mais alta e larga. Como a cúspide lingual é proporcionalmente maior neste dente, a convergência das bordas vestibular e lingual para a oclusal é menos aguda do que no primeiro pré-molar inferior.

O vértice da cúspide vestibular cai alinhado ao centro do dente. Em consequência, depreende-se que a face vestibular tem grande inclinação para a lingual. O vértice da cúspide lingual fica alinhado com a superfície lingual da raiz.

Face oclusal – a face oclusal tem um contorno circular por causa das grandes dimensões da cúspide e da face lingual. Mesmo assim, as bordas mesial e distal com as respectivas cristas marginais tendem a convergir para a lingual.

Os padrões morfológicos da face oclusal são muito variáveis e a combinação deles já permitiu catalogá-los em 242 formas diferentes. As duas formas gerais mais comuns são a bicuspidada* e a tricuspíada*.

Na primeira, um sulco divisório mesiodistal, em forma de arco aberto para a vestibular (ocasionalmente retilíneo), corre entre as duas cúspides. Da metade distal deste sulco parte uma depressão rasa em direção lingual. Às vezes, o sulco é interrompido por uma ponte de esmalte como aquela do primeiro pré-molar inferior, sendo então substituído por duas fossetas.

Na forma tricuspíada, um sulco lingual, partindo do sulco mesiodistal, separa nitidamente a cúspide mesiolingual, maior, da cúspide distolingual, menor. Na união de ambos os sulcos surge uma fosseta central.

Raiz – é aproximadamente cônica; oval em secção transversal; com sulcos longitudinais muito pouco pronunciados.

Vista por vestibular, a raiz exibe um desvio distal.

Desenvolva o “Estudo dirigido sobre pré-molares superiores” e o “Estudo dirigido sobre pré-molares inferiores”, no Apêndice deste livro.

▪ Primeiro molar superior (16 ou 26)

(Figs. 2-22, 2-23, 2-24 e 2-25)

GUIA DE ESTUDO 5

1 Leia uma vez o bloco 3, examinando as figuras e, de preferência, com dentes à mão para acompanhar a leitura. Leia também as páginas 72 a 74.

2 Responda ou esclareça os seguintes quesitos ou questões: Faça um resumo da anatomia do primeiro molar superior. A borda mesial da face vestibular dos molares superiores é mais alta ou mais baixa que a borda distal? É mais reta ou mais curva? E a cúspide mesiovestibular é maior ou menor que a distovestibular? Qual é a menor cúspide dos molares superiores? Em quais deles essa menor cúspide pode estar ausente? Olhando para uma das faces de contato, qual borda aparece mais inclinada, a vestibular ou a lingual? Por que (se não sabe, releia “Arcos dentais”)? Olhe agora uma coroa de molar superior pela face mesial e perceba que o contorno da distal não pode ser visto; agora olhe pela distal e repare no fundo o contorno da mesial. Por que isso? Descreva e desenhe a face oclusal do primeiro e do segundo molar superior. Pelo aspecto oclusal, qual cúspide é mais proeminente ou se projeta mais para a vestibular, a cúspide mesiovestibular ou a distovestibular? E ainda: a borda lingual é maior ou menor que a borda vestibular no primeiro e no segundo molar (lembre-se destes aspectos quando esculpir)? Descreva a porção radicular do primeiro molar superior e desenhe-a por vestibular e por mesial. Quais são as características do terceiro molar superior em relação ao primeiro e ao segundo? O primeiro dente da Fig. 2-22 é direito (16) ou esquerdo (26)? E o segundo? E o terceiro? Os dois dentes de cima da Fig. 2-23 são direitos (16) ou esquerdos (26)? E os dois de baixo são direitos (17) ou esquerdos (27)? O primeiro dente da Fig. 2-26 é direito (17) ou esquerdo (27)? E o segundo? E o terceiro? O primeiro dente da Fig. 2-27 é direito (18) ou esquerdo (28)? E o segundo? E o terceiro? E os dois de cima da Fig. 2-28?

Identifique também os dentes das Figs. 2-50 a 2-52. Como se apresentam os sulcos mesiovestibular e distovestibular da face vestibular do primeiro molar inferior e o que eles separam? Quantos sulcos tem a face vestibular do segundo molar inferior? Por quê? Quando se diz que o lado mesial é maior e mais reto, isto pode ser confirmado em uma vista vestibular, oclusal ou em ambas? Pelo aspecto oclusal, qual das faces pode ser vista, a vestibular ou a lingual? Por quê? E qual delas tem um contorno mais encurvado (principalmente no primeiro molar), a vestibular ou a lingual? Descreva detalhadamente e desenhe a face oclusal do primeiro e do segundo molar inferior. Descreva e desenhe pela vestibular e pela mesial a porção radicular do primeiro molar inferior. Quais são as características do terceiro molar inferior em relação ao primeiro e ao segundo? O primeiro dente da Fig. 2-29 é direito (46) ou esquerdo (36)? E o segundo? E o terceiro? E os dois de cima da Fig. 2-30? O primeiro dente da Fig. 2-33 é direito (47) ou esquerdo (37)? E o segundo? E o terceiro? E os dois de baixo da Fig. 2-30? O primeiro dente da Fig. 2-34 é direito (48) ou esquerdo (38)? E o segundo? E os dois de baixo da Fig. 2-28? Identifique também os dentes das Figs. 2-53 e 2-54.

3 Leia novamente o bloco 3 e compare suas explicações com o texto para constatar se estão corretas. Se não estiverem, corrija-as ou complemente-as. Confira também as identificações dos dentes das figuras. Esculpa em cera dentes molares.

4 Leia mais uma vez, com atenção redobrada e com dentes (naturais ou não) ao lado e distinga os detalhes mais importantes.

5 Desenvolva os estudos dirigidos sobre molares superiores e inferiores, que se iniciam à página 155, no Apêndice.